5)

5) -

António Mário Barreto
Rio

O QUE MORREU DE AMOR

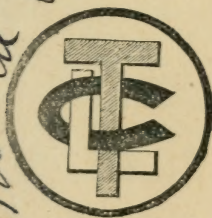
PEÇA EM QUATRO ACTOS, REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO D. AMELIA,
EM 5 DE JANEIRO DE 1899

THEATRO DE JULIO DANTAS

O que morreu de amor (1904) — 2.ª edição.
Viriato Tragico (1900).
A Sevéra (1901).
Crucificados (1902).
Ceia dos Cardeaes (1902) — 7.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1904).
Paço de Veiros (1903).
Um serão nas Laranjeiras (1904).

JULIO DANTAS

O QUE MORREU DE AMOR

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5, Largo de Camões, 6

1904

«... e outro dom Pero Roiz, o que morreu de amor...».

Livro velho das Linhagens de Portugal, fol. XV.

«Dom Gonçalo Gonçalves foy casado com doña Maria Paes, filha de dom Payo Curvo de Toronho em Galliza, por quem morreu de amor Pero Roiz da Palmeira, e fez em ella...»

Nobiliario do Conde dom Pedro, tit. VII.

«... el libro antiguo le dá mas, por hijos, a Pero Roiz, el que murio de amor por dona Maria Paez, muger de dom Gonzalo Gonzales, su tio, medio hermano de sua madre, y a dom Martim Roiz, Obispo de Oporto. — *El obispo D. Rodrigo de Alcuña, f. 52, part. 2.*»

Nobiliario, tit. XXIV, pag. 144, nota A.

FIGURAS

Dom Pero Roiz	*Eduardo Brazão*
Dom Gonçalo Gonçalves	*João Rosa*
Pero Gafo	*Augusto Rosa*
Dom Martinho, bispo do Porto	*Augusto Antunes*
Dona Maria Paes	*Rosa Damasceno*
Dona Urraca	*Maria Falcão*

Clerigos, ricos-homens, etc.

BURGO DO PORTO, 1209-1210

PRIMEIRO ACTO

Nos paços de Dom Gonçalo Gonçalves. Porta ao fundo, dando para um terreiro: vem nascendo o sol. Á D. duas portas: a da D. alta, de umbraes roídos, estreita; a da D. baixa guardada por uma alcála, especie de panno de Arrás. Entre as duas, uma arca pequena: sobre a arca uma taleiga de pão e um pichel de prata. No angulo da parede do fundo com a da direita, um nicho sobre cuja misula ha tres ou quatro cubellos de mel. Á E. alta e baixa, porta e janella de poiaes de pedra dando para a almuinha. A meio da scena uma arca maior, coberta de guadamecim vermelho: sobre ella uma candeia de ferro, accesa. Junto das paredes, escanos. Em volta da arca, escabellos rasos.

PRIMEIRO ACTO

SCENA I

URRACA *e* PERO GAFO

URRACA *apaga a candeia que ficou de noite sobre a arca:* PERO GAFO *assoma á porta do fundo.*

URRACA

Tão cedo, Pero Gafo?

PERO GAFO

Já o sol d'ali vem de traz d'aquelle outeiro. Deus seja n'esta casa. Que é de vosso irmão, senhora?

URRACA

Vós o deveis de saber, que albergaes com elle.

PERO GAFO

Cuido que alberga com as estrellas e não commigo, que por ahi anda toda a noite ao relento.

URRACA

Meu irmão?

PERO GAFO

Recolhe sempre para a deitada do leito; isso é verdade. Mas não o tolhe o somno, que por noite calada, mal entro a escadelecer, dou por que elle se vae.

URRACA

Foge de noite?

PERO GAFO

Bóto o burel a carão da carne e ás vezes lá me vou tambem. Mas não adrego de o vêr. Mêtto-me no tojo e dou-me a achagar os pés por via d'elle. É uma canceira. Lá o enxérgo ao cabo, já com sol nascido, a dormir na terra.

URRACA

Mas a que vae elle, assim de noite...?

PERO GAFO

Só hoje lhe pude ir mesmo nas costas. Cuidava que fosse coita d'amor...

URRACA

Coita d'amor?

PERO GAFO

E segui-lhe os passos. Ia a topar nas pedras do caminho, como quem vae esquecido de si. Lembrei-me tambem de que iria a dar com o dom Bispo, vosso irmão e d'elle, por via da demanda que traz com o rei.

URRACA

Talvez.

PERO GAFO

Mas não foi. Deu em subir o córrego em direitura aqui.

URRACA

Ah!

PERO GAFO

Chegou a esta porta, botou os cotovelos á hombreira, descançou a cabeça nas mãos, e para ahi esteve tempos esquecidos. Quedei-me a olhal-o. A noite era de estrellas. De vez em quando, tinha assim uns estremeções de corpo, como de quem chora.

URRACA

Meu Deus! Era o que eu temia...

PERO GAFO

Depois afastou-se, pisou umas leiras de pão — que até foi peccado — saltou uma sébe viva, perdi-me d'elle, e até agora. — Vosso tio dom Gonçalo e vossa tia?

URRACA

Já estão na levantada, cuido eu.

Ouvem-se os chocalhos d'um rebanho, longe.

PERO GAFO, *chegando á porta*

Lá vae no monte o rebanho do Escaldado... Eh, cabras!

URRACA

Mas desde quando é que meu irmão...?

PERO GAFO

Anda n'esta canceira? Já vae para mezes. Não vos lembraes de quando vosso tio casou?

URRACA

Bem m'o dizia o coração!

PERO GAFO

Pois foi logo ao depois. Entrou a andar lazerado. Sempre aquella tristeza a roer...

SCENA II

OS MESMOS *e* MARIA PAES

MARIA, *afastando a alcála que esconde a porta e entrando*

O meu entoucado de sirgo?—Santo dia!—Pero Gafo, adeus.

PERO GAFO

Senhora...

MARIA, *olhando uma restea de sol, muito obliqua, que entra pelo fundo e vae bater na porta da D. baixa*

Já sol nascido!

URRACA, *tirando da arca pequena o entoucado*

Este, minha tia?

MARIA

Tia, feio nome. Nome de velha. Quero que me trates de irmã. Se eu tenho a tua

idade... Menos um anno ainda. Irmã, não é verdade, Pero Gafo?—Tão tarde! Já sol nascido... Regaste a almuinha?

URRACA

Ainda não.

MARIA, *indo á porta da D. baixa e soerguendo a tapeçaria*

Senhor meu marido, erguei-vos, que vos dá o sol na cama. Não vêdes?

PERO GAFO

Foram bem casados, que não ha dois mais felizes.

URRACA, *dolorosamente*

Foram...

MARIA

E a pobre almuinha... Deve ter sêde a terra. Vamos.

Sáem as duas pela porta da E. alta. O GAFO *assenta-se no poial da janella.*

PERO GAFO

Réga de donas.—Coitelho lindo, linda horta! Dedinhos d'oiro vos dão trato...

MARIA, *de fóra*

A veiza, toda tão sêcca!

PERO GAFO

E bôa latada! Uva madura.—Aqui, estes alhos temporãos, dáe-lhes agoa!

MARIA

Já vae.

PERO GAFO

Estão a modo de enfezados. Botaram-n'os em terra estercada?

MARIA

Pois então adonde?

PERO GAFO

Foi mal. Os malditos não se querem no estrume.—Valha-me Nossa Senhora! Não regueis a alface, que está medrada...

MARIA

Alface de estio, péde agoa. Sempre ouvi dizer.

PERO GAFO

Emquanto não médra. Se á molhaes muito agora, entra a espigar e é mal.

SCENA III

PERO GAFO *e* GONÇALO GONÇALVES

GONÇALO

Roins hortelôas, não é verdade, Gafo?

PERO GAFO

Senhor...

GONÇALO

Que tardinheiro fui no levantar! Se eu durmo sempre com o sol,--Maria... Como hei de saber quando o outro nasce... Lá anda ella, tão cheia de graça, com a sua roupa grezisca e a sua camisinha de ranzal afogada no côllo... Mais moça do que a sobrinha...—É verdade. E o que ha do Bispo? Que dizem os do burgo?

PERO GAFO

Sacodem o feudo. Não querem reconhecer o senhorio do Bispo. Gritam que lhes foi dada carta de foral...

GONÇALO

E o cabido da Sé?

PERO GAFO

Dá razão aos do burgo. É contra o Bispo.

GONÇALO

Odio velho, podéra! Cónegos gargan-

tões! Por que o Bispo os queria vivendo santamente...

PERO GAFO

Na régra de Santo Agostinho...

GONÇALO

Em vez de os ter em peccado, pagando o trato de mulheres com os cingulos gemmados da vestiaria... Má gente! má gente! — E o rei?

PERO GAFO

Algures ouvi, não sei se é verdade, que vinha a caminho do burgo.

GONÇALO

O rei?

PERO GAFO

Até um moiro me disse que já o vira.

GONÇALO

Chamado pelos ruões, d'esta vez, como da outra o foi pelo esterco capitular! Mas

d'esta feita não se acurvará como então o Bispo meu sobrinho para pagar os tres bysancios d'oiro. Pode vir dom Sancho, pode o notario da curia arregalar os olhos verdes e babar os textos de Bolonha. Se o cabido o desampára, se o ameaça o burgo, tem ainda o irmão e tem-me a mim, seu tio, para o defender! Vae. Vae á crasta da Sé e sabe do Bispo o que ha de novo. Vae, Gafo. O rei ha de vêr que a espada dos Palmeiras é ainda aquella, que na santa mão de meu pae talhava escudeiros pelo meio! Vae e volta.

PERO GAFO *sáe, pelo fundo.*

SCENA IV

MARIA PAES *e* GONÇALO GONÇALVES

GONÇALO

Tenho fome. *(chegando á janella da E. baixa)* Linda hortelôa, botae o sachinho fóra e trazei-me um regaço d'uvas da almuinha. E mel, e pão!

MARIA, *de fóra*

O Gafo já se foi?

GONÇALO

Já. Foi á crasta da Sé, de meu mandado, a dar com o Bispo. — Não, d'essas... Esse cacho mais doiradinho, — e o outro, esse. Avonda. Traze.

MARIA, *ainda de fóra*

E a regadura?

URRACA

Eu fico.

GONÇALO

Deu-me a fome.

MARIA, *entrando, sofraldada, com o regaço cheio d'uvas*

Estão ali os cubellos de mel. Botae mão d'um. E o pão na taleiga.

GONÇALO, *tirando o mel do nicho e o pão da taleiga*

Corre mal a demanda do Bispo. E isso dá-me cuidados. Sempre é filho de minha

irmã, que Deus haja comsigo. Assenta-te aqui, ao pé de mim.—Bôa uva. É a fructa melhor.

MARIA

Bens que nos dá Deus.

Assentam-se ambos junto da arca.

GONÇALO

Dá-nos Deus bens. O maior que me deu a mim foi o ter-te feito nascer. Se tu és a luz dos meus olhos!—Bom, o mel. Tudo me sabe bem se como ao pé de ti.

MARIA

Não, é que o mel é bom, é. Cubello e meio, dois soldos. É de Coimbra, o mel e a cêra que veio.

GONÇALO

Vamos a comer do mesmo cacho. Este parece que vem doirado do sol. Primeiro tu. *(Maria morde um bago)* O que me dá cuidado é a vinda do rei. Mas ha de ser o que Deus quizer. Falta aqui uma coisa.

MARIA

Ah, é o vinho...

GONÇALO

Ali, olha. Um pichel de prata sobre a arca velha. Cuido que está cheio.

MARIA, *trazendo o pichel*

Sobras da noite.

GONÇALO

Bebe. Bebe tu primeiro. *(Maria leva o pichel á bocca)* Assim. Agora eu, sobre o molhado dos teus beiços.

MARIA, *mirando-se na prata do pichel, emquanto* GONÇALO *bebe*

Fica a gente tão feia quando se enxérga n'isto!

GONÇALO

Na prata polida...

Olham-se ambos no bojo da cantara.

MARIA

Olhae, que feio! E eu, vêde...

GONÇALO, *afagando-a*

Tu és tão linda! — Casado ha tres mezes, eu, quasi um velho! E com este corpo d'oiro... — Outro bago d'uva...

MARIA

Eu vol-o dou.

GONÇALO

Com este corpinho, que é a luz do dia... Em tres mezes me acostumei a vêr com os teus olhos, a rir com a tua bocca...

MARIA

Eu rio por vós e por mim.

GONÇALO

Quando nos casámos, n'aquella manhã... Foi meu sobrinho que nos casou. Cuido que o estou a vêr no faldistorio, com

o seu pontifical de ciclatão, a mitra das pedras rôxas e a estola comprida cheia de cruzes d'oiro... Tremias toda, meu amor... Lembras-te? Tinham olheiras os teus lindos olhos...

MARIA

Se eu não dormi, toda a noite...

GONÇALO

A benção desceu sobre as nossas cabeças, e a tua vida ficou presa á minha para sempre.

MARIA

E hoje quero-vos tanto... tanto...

GONÇALO, *beijando-a*

Tanto...

SCENA V

OS MESMOS *e* PERO ROIZ

PERO ROIZ, *perdido n'um pensamento, olhos no chão, assomando á porta*

E o Lazaro... *(Ouvindo o beijo)* Ah!

GONÇALO

Deus te salve.

PERO ROIZ

Vinha a cuidar n'uma sentença de Santo Isidoro bispo.

GONÇALO

Trazes má côr. Parece que andas de malouria.

PERO ROIZ

Ao fazer resuscitar o Lazaro, Christo chorou, de vêr que outra vez o atirava para as afflicções do mundo.

GONÇALO

Palavras sempre de soffrimento. Que se não sabe ao que veem.

MARIA

Tendes um cardo no saio, vêde...

PERO ROIZ, *desprendendo o cardo da roupa*

É que dormi na terra. Como os leprosos.

GONÇALO, *a* MARIA

Traz grande magoa. *(a Pero Roiz)* Má nova, talvez, que te deram do Bispo teu irmão. O rei veio.

PERO ROIZ, *sobresaltado*

O rei? Pois o rei veio?

GONÇALO

Cuidei que sabias. Disseram ao Gafo, esta manhã, que estava no burgo.

PERO ROIZ

Não sei de nada. Vou por elle.

GONÇALO, *sustendo-o*

Espera. Mandei o Gafo á Sé. Não deve de tardar.

MARIA, *á janella da almuinha*

É teu irmão, Urraca.

URRACA, *de fóra*

Deus o traga para bem.

GONÇALO

Admira que Pero Gafo o calasse de ti. Ah! É que não acamaste em casa.

PERO ROIZ

Quem vos disse que não acamei?

GONÇALO

Tu mesmo, agora.

MARIA

Ainda não ha o tempo d'um padre nosso.

PERO ROIZ

O cardo, é verdade.

MARIA

Mas porque dormistes na terra?

PERO ROIZ, *encarando-a*

Porque dormi? — Pobre irmão! Todos contra elle! O cabido, o burgo inteiro, o rei... Anda a desgraça comnosco.

GONÇALO

Temos muito a esperar da graça de Deus. Ahi tens mel, pão e uvas. De vinho é que não ha avondamento. *(Pero Roiz toma o pichel nas mãos)* Maria vae por elle. *(a Pero Roiz, olhando Maria)* Não é verdade que se parece com aquella Nossa Senhora de Alcobaça?

MARIA, *a* PERO ROIZ, *que a olha*

A vêr que deixaes cahir a cantara de pasmado para mim!

Tira-lh'a das mãos e vae, pela D. alta, buscar o vinho ao relêgo.

GONÇALO, *seguindo-a com a vista*

Até me faz devoção. Se um dia te casares, que seja tão bem como eu. Não ha nada que pague a virtude.—Ah! já me esquecia. *(Indo até á porta e gritando para dentro)* O vinho da cuba velha, ouviste?—Eu lá vou.

SCENA VI

PERO ROIZ *e* URRACA

PERO ROIZ

Porque dormi na terra... Porquê... E não ter eu força para lhe fugir!

URRACA, *vindo da almuinha e achegando-se ao irmão*

Ouve...

PERO ROIZ

Ah! És tu?

URRACA

Esta noite estiveste ali, encostado á hombreira d'aquella porta, chorando.

PERO ROIZ, *estremecendo*

Eu? É mentira.

URRACA

Estiveste.

PERO ROIZ

Mas...

URRACA

Estiveste.

PERO ROIZ, *com abatimento*

Estive.

URRACA

E vens, todas as noites...

PERO ROIZ

Quem t'o disse? *(de novo, com abatimento)* Por piedade...

URRACA

Olha que esse amor é um grande peccado!

PERO ROIZ, *olhando-a nos olhos, cheio de espanto*

Tu... Pois tu...?

URRACA

Uma grande desgraça! Deus te alumie, meu irmão...

PERO ROIZ

Pois tu sabes?

URRACA

Tem-me custado muitas lagrimas... Olha que é mulher de teu tio, um velho...

PERO ROIZ

Mas se eu não posso...

URRACA

Já de ha muito o suspeitava... Via-te nos olhos...

PERO ROIZ, *tapando instinctivamente os olhos com as mãos*

Vê-se nos olhos?

URRACA

E pedia a Deus que te alumiasse... O velho é tão teu amigo!

PERO ROIZ

É tarde. É tarde.

URRACA

Se o veem a saber, que será d'esta casa, de nós todos... Cuida n'isto, por meu amor te peço, por alma de nossa mãe...

PERO ROIZ, *enternecidamente, amparando-a nos braços*

Pobre irmã!

SCENA VII

OS MESMOS, GONÇALO GONÇALVES *e depois* MARIA

GONÇALO, *trazendo o pichel a trasbordar*

Aqui tens. Da cuba velha.

PERO ROIZ

Vim dar-vos enfado.

GONÇALO

Nenhum. Sabes que sou teu amigo. — O mel é bom.

PERO ROIZ

Só um gole de vinho.

MARIA, *entrando e dando de cara com* URRACA, *que enxuga os olhos*

Choras?

URRACA

Não foi nada.

MARIA

Foi teu irmão que te fez chorar?

GONÇALO

Dá alegria um vinho d'esses. E vida aos mortos.

MARIA, *apanhando o cardo do chão e atirando com elle a* PERO ROIZ

Senhor cavalleiro dos cardos, d'esta feita me agasto comvosco. Roim coisa, fazer chorar uma mulher!

PERO ROIZ

Senhora, eu...

URRACA

Não chóro, não.

PERO ROIZ

É que falámos de nosso irmão e dos que lhe querem mal.

GONÇALO

Razão é para chorar, Urraca. Mas não é ponto de que falem mulheres. *(a Pero Roiz)* Se não bebes mais, vamos até ali ao terreiro, que o sol da manhã faz bem. O Gafo não tarda.

Sáem os dois, para o terreiro.

SCENA VIII

MARIA *e* URRACA

Véem-se passar ao sol, no terreiro,
GONÇALO *e* PERO ROIZ; *as sombras desenham-se na terra.*

MARIA

Foi por via de teu irmão Bispo que choraste?

URRACA

Não foi. Esse tem por si a mão de Deus. É um santo. Só devemos temer e chorar pelos que vivem em peccado.

MARIA

Se não foi pelo outro, não podia ser senão por este. Mas não sei que este viva em peccado. Tão triste, tão generoso, tão temente a Deus...

URRACA

Tendes-lhe amisade?

MARIA

Nunca me fez mal. Deixa-me enxugar-te os olhos. Ouve, Urraca. Assenta-te aqui, n'este escano, ao pé de mim. Aquella tristeza de teu irmão não será coita d'amor? Tem-se visto tanta coisa... Andam por ahi ás vezes uns lazaros, comidos de saudades... Vae a gente a vêr, e o que assim os pôz foi um rostinho d'oiro que viram algures...

URRACA

Quem sabe?

MARIA

Sei eu, que antes de maridada os via mortinhos...—Elle não te disse nada?

URRACA

Não.

MARIA

Mesmo nada?

GONÇALO, *no terreiro*

O Gafo que lá vem, esbaforido!

URRACA

Uma só coisa vos peço. Se algum dia ouvirdes d'elle qualquer palavra de mal ou que vos offenda, tende piedade, guardae-a comvosco e perdoae pelo amor de Deus.

MARIA

Eu? Perdoar?

SCENA IX

AS MESMAS, PERO ROIZ, GONÇALO GONÇALVES
e PERO GAFO

GONÇALO, *no terreiro*

Pero Gafo!

PERO GAFO

O rei! Excommungado!

PERO ROIZ

O rei!

MARIA

O que foi?

GONÇALO

Fala!

PERO GAFO

Vim de carreira... Tombei na urze...

PERO ROIZ

E o Bispo, dize!

PERO GAFO

Mal posso falar... Um escano em que me assente... *(veem os trez para dentro de casa. Pero Gafo assenta-se)*. O rei entrou no burgo, quiz violar a Sé, o dom Bispo excommungou-o... — Senhor dom Pero Roiz, ide por vosso irmão, que a populaça quer despedaçal-o!

PERO ROIZ

Meu irmão!

MARIA, *transida*

Os sinos dobram...

URRACA

Virgem Santissima!

PERO ROIZ

Por Deus, uma espada!

MARIA *corre a buscal-a.*

GONÇALO

Vou tambem!

PERO ROIZ

Ficae, por amor d'ellas...

MARIA, *trazendo uma espada a* PERO ROIZ, *que a beija na cruz*

Rezarei por vós.

PERO ROIZ, *encarando em* MARIA

Lagrimas!

PERO GAFO

Não ha tempo a perder!

GONÇALO

Mas isto é atirar-te para a morte!

PERO ROIZ

Tomara-a eu, a morte! — Adeus!

PERO GAFO

A populaça que uiva!

URRACA

Deus vá comtigo!

PERO ROIZ *sáe. Todos correm á porta. Ouve-se fóra a vozearia.*

SCENA X

OS MESMOS, *menos* PERO ROIZ

MARIA

Lá desce o córrego!

URRACA

Meus irmãos!

GONÇALO

Como um leão bravio! *(arrastando as duas mulheres para a porta da D. baixa)*. —Ide. O vosso logar é no oratorio.

PERO GAFO

Miserere!

GONÇALO

Lá dentro, diante do triptico de prata... Deus se compadeça de nós.

MARIA

Vão matal-o, talvez...

Sáem as duas, transidas.

SCENA XI

GONÇALO *e* PERO GAFO

PERO GAFO

Cahi na urze... Tenho as mãos em sangue...

GONÇALO

Pero Gafo... Mas como foi? Então o Bispo excommungou? Dize tudo... Ellas não ouvem...

PERO GAFO

Mal sei... *(O rumor cresce)* Não ouvis? —Entrei na Sé, quando o rei vinha para a violar. Ruivo de roim pello! O Bispo mal teve tempo de vestir o pluvial rôxo... O dos mortos... Os presbyteros agarraram em cerofálas accesas, —*Miserere mei Deus!* e entoaram o psalmo... O *Fiat* foi dito tres vezes e a luz pisada a pés... O rei estava excommungado. Mas a acha d'armas já mordia a porta da Sé. Só cuidei de fugir, —que eu não presto para nada... Apedrejaram-me...

GONÇALO

Fogo de lépra! E eu aqui, amarrado á fraqueza de duas mulheres, como um tronco que não póde sahir da terra! —Meu Deus!

PERO GAFO

Vae a mais o rumor. Parece que veem para cá!

GONÇALO

Desgraçados de nós! Quando a porta d'uma Sé cae aos bocados, que será d'estes miseros pedaços d'arvore!

URRACA, *chegando á porta*

Virgem Santissima! Ahi veem!

GONÇALO

Recolhei-vos. Assocegae.

PERO GAFO, *indo ao terreiro*

Por Deus de cruz! Cuido que trazem o Bispo!

GONÇALO

Talvez morto! — Para que nasceu o sol, se tinha de alumiar tanta agonia e tanta roindade!

PERO GAFO

Ahi veem! Vivo!

URRACA *e* MARIA, *de fóra*

Misericordia!

GONÇALO

O Bispo?—Vivo!

PERO GAFO, *junto da porta, espreitando*

Dom Pero Roiz que o defende da multidão!—Ahi! ahi!

GONÇALO

Esmalha lorigas! Traz a espada vermelha de sangue até ao manipulo!

PERO GAFO

Vem cruz d'oiro alçada! *(com desespero)* Ah, que o feriram na testa!

VOZES, *fóra*

O Bispo!—Matae!

GONÇALO, *arrancando da espada*

Pela Virgem!

A VOZ DE PERO ROIZ

Largae!

VOZES

Dae morte ao Bispo!

SCENA XII

OS MESMOS, PERO ROIZ, URRACA, MARIA, O BISPO

Apparece PERO ROIZ, *ferido na testa,*
sustentando no braço esquerdo o BISPO, *em pluvial rôxo*
e mitra, e defendendo-o
da multidão que ruge. Um clerigo traz cruz alçada.

PERO ROIZ

Raça má!

VOZES

Matae!

PERO ROIZ, *conseguindo entrar com o* BISPO

Salvo!

O BISPO

O Senhor seja louvado!

PERO GAFO, *levando o* BISPO

Fugí pela almuinha! Depressa!

VOZES

Entrae! — Arrancae-lhe os olhos! — O rei quer entrar!

PERO ROIZ, *desafiando a multidão, espada em punho*

Ide dizer ao vosso rei, que emquanto me não cançar a vida, não entrará!

URRACA *e* MARIA, *cahindo de joelhos*

Senhor Deus, misericordia!

CAE O PANNO

SEGUNDO ACTO

Na alcova de Gonçalo Gonçalves e de Maria Paes. Ao fundo, achegado á parede da D., o leito, de um só almadraque, repuxado para a cabeceira: almandra tiraz: dois alifaces; escabello para a subida da cama. Sobre o leito, cahindo de traves altas, alfreses e pannos ricos; suspensa d'uma das traves, uma luzeira de ferro, accesa. Á D. baixa, janella dando para uns campos. Junto da parede uma arca aberta. Á E. alta a porta. Á E. baixa, na parede, um triptico de prata: em baixo, estrado com almadraquèxa. Sobre o estrado, pannos de egreja, paramentos velhos. A meio da scena, escabellos. — Ao cahir da tarde.

SEGUNDO ACTO

SCENA I

MARIA *e* URRACA

Ambas assentadas sobre escabellos, lavram roupas de egreja.

MARIA, *entoando, por desenfado*

Ai, os olhos d'essa cara
Por caros os comprarei...
No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei.

URRACA

Triste...

MARIA

É do entardecer. Queridos olhos, o que elles teem chorado!

URRACA

Se Deus quiz que nascessem para chorar...

MARIA

Não te quero vêr mais esse dó branco, ouviste? Ninguem nos morreu.

URRACA

Ninguem? Quem sabe? Ha tanto tempo que o Bispo meu irmão anda fugido, sem haver novas d'elle...

MARIA

Ha de encontrar em terra alheia a piedade que a sua terra lhe negou.

URRACA

De longada por esse mundo... E o mundo é tão grande!

MARIA

Verás que vae a caminho de Roma, se lá não chegou ainda. Encontrará justiça no

seio da curia. Tornaremos a vêl-o officiar...
Com este mesmo pontifical, talvez...

URRACA

O pouco que salvaram das mãos do rei...

MARIA

E era tão rica de alfaias, a Sé!—Tudo, cruzes d'oiro, reliquias, avéctos... Tudo roubado. O que o rei não quiz, roubaram-n'o os do burgo. Ás vezes, parece que Deus não tem olhos para os máus...

URRACA

Pero Gafo andava cuidando de trazer uns paramentos...

MARIA

Que esqueceram aos do rei, n'um dos arcazes da sacristia, é verdade.

URRACA

Queira Deus que os traga.

MARIA

Como é triste o entardecer! Já mal se enxérga.

URRACA

Eu vou pela candeia.

Sáe, para tornar a entrar com uma candeia accesa.

MARIA

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei...

Dois mezes tenho levado a pôr um friso d'oiro n'este pontifical... É de bom lavor, não é? Ainda teu irmão ha de officiar com elle.

URRACA

Deus vos ouça.

MARIA, *embevecida no bordado*

Mão de rainha não lavrava melhor... Só se pode vêr vestido... Espera. Isto

deita-se pelas costas,—assim. *(veste o pontifical e arrasta-o, andando)* Não é de bom lavor?

URRACA

Se é de vossas mãos...

A VOZ DE PERO GAFO

Ponde ahi.—Ide-vos.

MARIA, *tirando o pontifical*

É o Gafo... Jesus!

A VOZ DE PERO GAFO

Se encontrardes no caminho o senhor dom Pero Roiz, dizei-lhe que os paramentos já viéram.

MARIA

Ah! São os paramentos, Pero Gafo? Entrae.

SCENA II

AS MESMAS *e* PERO GAFO

PERO GAFO

Coisa pouca. O que ali dentro vêdes, entroixado em seis varas de burel. Soubesse eu ha mais tempo que isto lá estava... —O senhor dom Gonçalo, quando volta de Braga?

MARIA

Esta noite ainda, ou ámanhã.

PERO GAFO

Veremos o que lhe diz o dom Arcebispo. Para mim é ponto de fé que vosso irmão vae a caminho de Roma.

URRACA

A mendigar. Triste consolação.

PERO GAFO

Esperae em Deus.—Aquella manhã, Virgem Santissima! Aquella manhã em que elle fugiu... A vida deve-a ao irmão... —vem ali a mitra rica... —a vosso irmão e meu amo...

MARIA

Pero Roiz...

PERO GAFO

Como elle o arrastava! A espada suja de sangue, e o braço, a mais do covado... O mal foi a chaga da cabeça... Mas salvou-o!

MARIA

E depois, ali, dando de rosto á populaça... Elle sósinho, que nem Guesto Ansures com o tronco da figueira! Matou e feriu a muitos. Não o cuidava tão braceiro e esforçado.

PERO GAFO

Sangue dos Palmeiras. Que faria se o visseis, como eu o vi, n'um fossado por terra de moiros... Não ha segundo em Portugal.—Caso é que o rei não entrou n'esta casa.

MARIA

E deu em descer o córrego outra vez.

PERO GAFO

O peor foi a chaga da cabeça. Perdeu muito sangue. Sarou, com a ajuda de Deus, mas perdeu muito sangue.

MARIA

Anda a modo de mais quebrado agora. Aquella tristeza, que se não desentranha d'elle...

URRACA

Cada vez a peor.

PERO GAFO

Aquillo é mulher, Deus me perdoe. Não é só dôr pelo irmão.

Avêdel-os olhos verdes,
Matar-me-hedes com elles...

Alguns olhos verdes, como os da cantiga, que dão em no matar.

MARIA

Tambem assim cuido, e sempre o disse.

URRACA, *áparte*

Mal sabe ella...

MARIA

O que me custa a crêr é que haja mulher que lhe seja esquiva. Se elle é tão ousado no parecer, com os seus cabellos loiros sobre o saio rico... Tão valente...

SCENA III

OS MESMOS *e* PERO ROIZ

PERO ROIZ, *apparecendo na janella da D. baixa*

Pero Gafo... Não sabia que estavas aqui.

MARIA

Deus vos traga. Vinde de volta.

URRACA

Elle...

PERO GAFO

E a gente a falar!

MARIA

Pois não é outra coisa senão mal d'amor, vereis. E vou sabel-o por elle.

PERO ROIZ, *entrando*

Os paramentos, não é verdade? Ainda bem que os trouxeste. Vem ali tambem uma cabeça de São Bartholomeu.

PERO GAFO

Com reliquias do santo. Já vamos vêr.

MARIA

E a vossa ferida da testa?

PERO ROIZ

Entrou a sarar. Com este mal, posso eu.

MARIA

Falavamos agora d'um fossado a que fostes por terra de moiros...

PERO GAFO

Vae para dois annos.

PERO ROIZ

É verdade. Filhei boas novidades de fructa, e houve muita loriga esmalhada. Mas bons figos e bons albricoques, coradinhos do sol... Outro tempo, em que eu não era esta má sombra que sou hoje.

PERO GAFO *vae buscar uma candeia e accende-a no lume da outra.*

MARIA

Porque assim mudastes?

PERO ROIZ, *com os olhos em* MARIA

Porque mudei?

PERO GAFO, *a* URRACA

Quereis vêr as alfaias, senhora?

URRACA, *hesitante, olhando o irmão e* MARIA

Eu?

MARIA

Vae.

PERO GAFO, *sahindo com* URRACA

É muito para vèr a reliquia de São Bartholomeu. Vinde.

SCENA IV

MARIA *e* PERO ROIZ

MARIA

Já não vos conheci alegre, Pero Roiz. E sei que o fostes.

PERO ROIZ

Fui.

MARIA

Dizem que n'outro tempo vos andava o sol nos olhos. E agora os trazeis tão cançados, que fazem tristeza a quem os vê.

PERO ROIZ

É do muito cuidar, das noites mal dormidas...

MARIA

Assentae-vos aqui, ao pé de mim. Dá-me pena o não vos ter conhecido alegre. A

vossa alegria havia de casar-se bem com a minha. Por que assim mudastes?

PERO ROIZ

Deus seja commigo.

MARIA

Estou em cuidar que é amor desgraçado que trazeis. Vós amaes alguem, Pero Roiz. Não é verdade?

PERO ROIZ

Amo, senhora.

MARIA

Ah! É mal d'amor. Eu logo disse. Amor triste, que assim vos traz sombrio de corpo e d'alma. Contae-me tudo. Tendes em mim um regaço amigo para as vossas lagrimas. Desabafae; eu entendo a vossa dôr. Quem é essa mulher?

PERO ROIZ, *áparte*

E é ella que m'o pergunta!

MARIA

Dona d'algo e honrada deve de ser, que tanto vos mataes por ella. Dizei... É preciso estar-vos a arrancar as palavras.—E é formosa?

PERO ROIZ

Como não sei que haja outra!

MARIA

Sim, formosa?

PERO ROIZ, *enlevado em* MARIA

Cuido que desceu do seio das estrellas e veio á terra enganada. Que Deus não creou para a terra tão linda creatura. Desceu a este valle de lagrimas para vir ensinar-me o que era a dòr... Eu ainda não tinha soffrido.

MARIA

Ainda não?

PERO ROIZ

Nem cuidava que d'um regaço de mulher podesse cahir sobre nós tanta amargura. Affeito a minha mãe, que Deus haja comsigo, via em toda a mulher a mãe do homem. E do seio d'onde o homem nasce, nasceu para mim a maior dôr da terra... Eu amo, senhora. Amo desesperadamente, como ninguem amou ainda... Ninguem!

MARIA, *estranhando* PERO ROIZ *e encarando n'elle*

Ah!

PERO ROIZ

Mas tenho de calar este amor. De calar. Assim Deus o quer. E ando pela brenzêda da noite, perdido de mim, como féra bruta, achagando-me em silvedos, atolando-me em charcos, a vêr se nas estrellas ha piedade para a dôr da minha carne... Mas não posso calar mais.

MARIA, *cheia de anciedade*

E essa mulher...

PERO ROIZ

Mal cuida que tanto soffro por via d'ella. O seu unico peccado, se algum tem, foi o ter nascido tão linda... Vê-me ao pé de si, olha-me compadecida, tem os olhos rasos d'agoa, e sem saber, pergunta a si mesma: — Quem será essa mulher, que parece uma féra de impiedade?

MARIA, *comprehendendo e erguendo-se do escabello, n'um movimento brusco*

Meu Deus! Meu Deus!

SCENA V

OS MESMOS, PERO GAFO *e* URRACA

Ouvem-se guizeiras de alimária, fóra.

PERO GAFO, *entrando, e indo até á janella da D. baixa*

Deve ser o senhor dom Gonçalo. Conheço-lhe os esquiros da azemola.

URRACA, *entrando e dando de cara com* MARIA, *desfigurada e pallida, n'uma attitude de espanto*

Virgem Santissima!—Elle...?

MARIA, *como quem se recorda*

Tu m'o disseste... Se lhe ouvirdes alguma palavra de mal, perdoae e guardae-a comvosco... Urraca... *(escondendo-lhe a cabeça no seio)* Tenho medo...

URRACA

Meu irmão... Bem temia eu! *(para Maria, n'uma supplica, enclavinhando as mãos)* Ah, pelo amor de Deus...

MARIA

Sim, tudo calarei. Mas que elle não volte mais a esta casa. Nunca mais!

PERO GAFO, *atravessando a scena, da janella da D. baixa para a porta da E. alta, e sahindo*

É o senhor dom Gonçalo.

MARIA

Meu marido!

URRACA, *indo para o irmão*

Que desgraça a nossa...

PERO ROIZ, *cahindo sobre um escano e tapando a cara com as mãos*

Tinha de ser. Tinha de ser.

MARIA

Deus dê força á minha alma.

SCENA VI

OS MESMOS *e* GONÇALO

GONÇALO, *fóra*

As roupas de meu vestir veem na azemola. Não esqueçam, Gafo. *(assomando á porta e abrindo os braços a Maria)* Ah, luz dos meus olhos! *(encarando n'ella)* Tão mudada de côr! — Que tens tu, Maria?

MARIA, *n'um sorriso constrangido*

É da alegria de vos vêr.

GONÇALO

Tres dias e tres noites! Que falta me fizeram os teus olhos...—Pero Roiz! Não me abraças?

PERO ROIZ, *abraçando-o, com repugnancia*

Deus venha comvosco.

GONÇALO

A modo que vos não vejo de bôa sombra a todos. Tendes roim nova a dar-me, ou temeis que vol-as traga más do Arcebispo?

MARIA, *contrafeita*

Tão pouca esperança de que o rei volte a vosso sobrinho os bens da mitra... *(áparte)* Senhor Jesus!

URRACA

Tão pouca esperança, é verdade...

GONÇALO

E trago más novas, trago. O dom Arcebispo de Braga é homem de dois rostos. Um para o rei, outro para o clero. Não ha entender-se a gente com elle.—Comprida jornada!

URRACA

E do paradeiro do Bispo meu irmão?

GONÇALO

Nada sabe. Ainda que adregasse de chegar a Roma, pobre como foi não dava em mover a curia. São precisas boas marcas d'oiro. Sem ellas não ha justiça na Santa Sé. Vou perdendo as esperanças de tornar a vêr a mitra na cabeça de meu sobrinho. Essa mitra, que era o meu orgulho! Quem sabe, até, se elle é morto...

MARIA

Diz-me o coração que vive.

GONÇALO

Prouvera a Deus. Mal empregada canceira a de ir a Braga pelo Arcebispo. Nada se adiantou.

URRACA

E os bens de familia?

GONÇALO

Foram engrossar o oiro que o rei lá tem, nas torres de Coimbra e de Leiria. Má gente, máu rei! Ámanhã mais de socego vos direi tudo como foi. Venho cançado da jornada. Já o leito me está acenando.

PERO ROIZ, *com rancor*

O leito!

GONÇALO *a* PERO ROIZ

Adeus, vae. O Gafo ha de lá estar fóra com o azemél. Saudades ás avelaneiras de ao pé da fonte, que vão dar flôr. E nada de tristezas. Pode ser que Deus se amerceie de teu irmão. Vae. *(Abraça-o e Pero Roiz sáe.*

Gonçalo segue-o com a vista) Pero Roiz não me olha com bons olhos.

URRACA

É modo d'elle. *(Indo a sahir)* Ficae com Deus.

GONÇALO

Ou fui eu que vi mal. Vae com Nossa Senhora.

URRACA *sáe.*

SCENA VII

GONÇALO *e* MARIA

GONÇALO, *indo até á janella*

A lua, que d'ali vem a subir. Parece uma escudella de prata... Não vês? *(tomando as mãos de Maria)* Queridas mãos! Tres vezes me anoiteceu sem as ter beijado...

MARIA

Eu pedia a Deus que vos trouxesse. Tanto frio, de noite...

GONÇALO, *n'um dos escabellos*

Que doçura e que paz! É quando se trazem os olhos cançados da roindade do mundo, como agora trago, que melhor sabe este conforto. Ter um canto de terra onde a virtude vive aconchegada... Os homens andam comidos da lèpra da avareza. Vende-se por uma cinta d'oiro a mulher que se não vende por tres còvados de bragal. Em toda a parte a drudaria e o peccado. Compra-se agora a justiça e logo a castidade. Os reis vivem sacrilegos; os clérigos excommungados officiam no altar de Deus. E n'um mundo como este, quiz dar-me o Senhor o poder descançar na paz do teu seio. Abençoado seja. Vae rezar.

MARIA, *ajoelhando na almadraquéxa, diante do triptico*

Désse Deus repouso áquella alma...

GONÇALO, *depois d'um momento de silencio*

É verdade. O Arcebispo albergou-me. Ainda t'o não disse. E deu-me novas de teu pae. — Sois casado com a filha de dom Payo de Toronho? Respondi que [illegible] em.

Diz que te conheceu da altura d'um pé de milho. *(a um gesto enfadado de Maria)* Ah! esquecia-me de que rezavas.

MARIA

Eu já vou, senhor.

GONÇALO, *indo até junto do leito*

Pozeste sobre-cama tiraz. E é a rica, a da nossa primeira noite. Só agora dei por ella. Ha de saber de cór a toada dos beijos que démos. *(novo gesto de enfado de Maria)* Ah! Tu estás rezando, é verdade. — Tem demorado, esta noite.

MARIA

Esperae um pouco. Eu já vou.

GONÇALO, *depois d'um silencio*

Lindo amanhecer foi esse para mim! — Trazes posto o collar da reliquia? Deixa vêr. *(beija-a na nuca)* Um beijo não vae ag[illegible] a piedade da oração.

MARIA, *esquivando-se*

Socegae...

GONÇALO

É que ha tres noites que não sou casado. Deus me perdoe esta fraqueza, que aquando me creou fez-me de barro mortal, como aos outros peccadores. Levanta-te, meu amor. *(Ergue-a nos braços. Maria deixa-se arrastar)* A ladainha quero eu rezal-a de joelhos... Que o Senhor te deu o nome de Maria... *Domus aurea, audi nos... Mater inviolata...* — *Mater...* Não, ainda não és mãe. É o que nos falta... Um pedacinho de sol feito da nossa carne... Deus nos dê um filho...

MARIA, *desmanchando o toucado*

Um filho...

GONÇALO, *indo a beijal-a*

Hora religiosa...

SCENA VIII

OS MESMOS *e* PERO ROIZ

MARIA, *dando com os olhos em* PERO ROIZ, *que apparece á porta, pallido*

Senhor Deus! Valei-me!

GONÇALO

Que é isso, Pero Roiz? A que vens?

PERO ROIZ

A dizer-vos que um de nós é de mais aqui.

GONÇALO

Se algum de nós é de mais, por certo não sou eu.—A que vens?

PERO ROIZ

É preciso acabar com isto por uma vez. A minha vida pésa-me. Não posso calar

mais, nem andar fugido pela noite, como um [illegible] Dóem-me os ossos, de dormir em lameiros, e a alma, de tanto a quebrar na dôr...

GONÇALO

Mas cabem-me culpas? Enlouqueceste?

PERO ROIZ

É preciso acabar. Este segredo cobrou tal grandeza que já não cabe dentro de mim. Venho atirar-vos com elle á cara, por que de toda esta felicidade nasceu a minha desgraça. De noite, emquanto rasgo a carne nos galhos das arvores e fujo da propria sombra, babujaes vós, no suór d'um leito, a minha alma... A alma que eu tenho agarrada ao sol d'aquelle corpo...

GONÇALO, *crescendo para elle, de ferro em punho*

Ah! Por Deus de cruz! Eu não queria entender!

MARIA

Mãe de misericordia!

PERO ROIZ, *tirando o bolhão da cadeia d'oiro que traz ao pescoço*

Um de nós está morto! É preciso acabar...

GONÇALO, *abaixando o ferro*

Não. É por demais torpe este peccado que tu arremessas á face de Deus. O maior castigo é deixar-te viver, para expial-o. *(rojando Maria aos pés de Pero Roiz)* Se já a maculaste da tua lépra, ahi a tens. Leva-a. É que não ha verdade na terra, e os beijos mentem. Deus tambem creou as féras.

MARIA, *cortada de angustia*

Senhor!

GONÇALO, *alevantando-a do lagedo*

Mas não... Não, meu amor... Perdôa. Eu vejo na luz dos teus olhos... Nas tuas lagrimas. Tu foste perseguida como eu sou, vieram turbar o aconchego da tua vida... Um filho de minha irmã! O cadaver d'aquella santa ha de torcer-se de dôr, e alevantar-se,

hirto, na sua mortalha, a amaldiçoar o filho...

PERO ROIZ

Covarde!

GONÇALO, *indo a arremessar-se, de novo, para* PERO ROIZ

Ah! *(depois, com abatimento)* Sou um covarde, sou. É que a unica felicidade que eu tinha sobre a terra vivia aqui, nos quatro palmos d'uma alcôva, desconhecida aos olhos do mundo, simples como um veio d'agoa... A minha unica felicidade! O mais, luctas, odios, um revolvêr de paixões roins que me fazia doer a alma. E era aqui, no socego d'um regaço, que eu vinha repousar...

MARIA, *vindo até junto d'elle*

Meu amor...

GONÇALO, *deixando-se cahir sobre um escabello*

Era preciso que a desgraça fosse a mais, que se tornasse um inferno o unico repouso, que desapparecesse, na assomada da morte, a unica alegria... Vae, vae com Deus. Não te quero vêr mais. O teu remor-

so te dirá o que eu te não sei dizer... Filho de minha irmã, sangue do meu sangue...

MARIA, *rude. a* PERO ROIZ

Ide!

PERO ROIZ, *que tem ouvido, n'um crescer de dôr, as palavras de* GONÇALO *e lhe vae tombar aos pés*

Perdoae... Eu sou um miseravel... Por piedade... Perdoae...

SCENA IX

OS MESMOS *e* URRACA

URRACA, *entrando, transida*

Senhor Jesus! Que foi?

GONÇALO, *n'um fingido socego, como que para não melindrar a castidade de* URRACA

Não foi nada. É teu irmão que está chorando...

CAE O PANNO

TERCEIRO ACTO

Nos paços de Pero Roiz. Ao fundo porta estreita. Á D. baixa janella de poiaes, dando para um campo de avelaneiras, no extremo do qual se suppõe haver uma fonte. Á E. alta e baixa, portas acanhadas; entre ellas, na parede, um nicho com livros santos. Arcas, escanos e escabellos.—De tarde.

TERCEIRO ACTO

SCENA I

URRACA *e* PERO GAFO

URRACA, *cerrando devagar a porta da E. baixa*

Dorme.

PERO GAFO, *trazendo uma copa doirada*

E a beberagem de mestre Incolás?

URRACA

Logo. Deixál-o dormir.

PERO GAFO, *pondo a copa sobre um dos escanos*

Pobre d'elle, que se vê sem esperança de sarar.

URRACA

Mal de ceguidade só tem melhora na terra.

PERO GAFO

No que deu tanta dôr d'alma... Tanta noite mal dormida... Foram-lhe mingoando as forças. E depois, o sangue que perdeu quando foi da chaga da cabeça... O que vale é que a mão de Deus não nos desampara de todo. Lá chegou a Roma o dom Bispo vosso irmão, e lá teve na curia a acolhida que teve.

URRACA

Foram tocados da miseria em que ia, vestido de burel e comido de chagas, um Bispo...

PERO GAFO

Males que passaram. Amiserou-se Deus d'um de vossos irmãos; ha de amiserar-se do outro e dar-lhe a saude.

URRACA, *desconsoladamente*

A saude! *(abrindo uma arca)* Não tarda o sino da oração. É o seu unico desenfado, pelas Ave-Marias, vêr bailar debaixo das avelaneiras as moças que veem á fonte. Ali fica, nos poiaes da janella, a olhar...

PERO GAFO

Enlevado. Ellas já o sabem, por geito, que é sempre outra a bailada que fazem. Não devem de tardar. E ao depois, ainda lá vão acima dar a volta á cruz velha e descem cantando.

URRACA

Soffre tanto... Mas não lhe negam a piedade que merece.

PERO GAFO

Se não fôsse o virdes viver para estes paços, não sei o que seria de nós.—Vou ordenhar a cabra grande. Já é a segunda enxuga que lhe dou.

SCENA II

URRACA *e depois* PERO ROIZ

URRACA

Triste deve ser o amor, que tanta gente faz triste...

PERO ROIZ, *entrando pela E. baixa, a arrastar um cobertal de sarja cárdea*

Não posso dormir.

URRACA

Porque te alevantaste?

PERO ROIZ, *indo até á janella*

O sol já vae descido, a dar na assomada do monte... *(Vendo a copa sobre um escano)* Que é isto?

URRACA

São as hervas que mestre Incolás trouxe.

PERO ROIZ

Que mal cuida elle que é o meu? Que sabe elle de mim, da molestia que trago, que me anda nas entranhas e na alma? Este mal não se quer com hervas, nem copa doirada se fez para hervas de fisico. Trago outra dôr, muito outra do que elle cuida, mais do pensamento que da carne, mais dôr de escarneo e de deshonra que magoa do corpo...

URRACA

Por Deus... Não digas...

PERO ROIZ

O seu capello amarello não lhe dá o saber de males como este meu, que nascem da vergonha, da humilhação, do remorso e d'uma desgraçada luz d'amor que Deus não quer que se apague mais... E ha de elle entender quem não se entende a si mesmo!

URRACA

Mas, meu irmão...

PERO ROIZ, *agarrando na copa*

Estas hervas teem acaso a virtude de me fazer menos miseravel? Menos desgraçado? Não teem. *(Arremessa-a pela janella fóra).*

URRACA

Ah!

PERO ROIZ

Deixa-as apodrecer na terra d'onde vieram.

URRACA

Podia ser que te fizessem bem...

PERO ROIZ

Tardará muito o sino da oração? *(vae até á janella)* Já o sol deu no outeiro. Devem de estar a vir as moças para a fonte. Custam tanto a chegar, as Ave-Marias... Que tardes tão compridas! Muito se demora o sol quando a gente soffre... — Dá-me um livro d'esses, que eram de meu irmão... *(Urraca traz-lhe os livros; Pero Roiz escolhe*

um) São Gregorio... Este. *(Urraca põe os outros sobre o nicho e vae para junto da arca; Pero Roiz lê)* «O amor escurece a vista, faz o homem pallido e torpe, traz a velhice, apressa a morte...» Em má pagina abri! Pouca piedade ha nos livros dos santos pelos peccados dos homens...—Urraca! Vê se o sol já desceu mais... Custa tanto a viver, se viver é arrastar estes dias de angustia, de magoa por ter nascido, por Deus me ter dado a luz dos olhos...—Assenta-te aqui. Que fallecimento de forças! Como vos mingoastes, ó rijos braços que tanto luzieis em hoste e fossado, por terras de moiros e de christengos! A minha loriga branca tolhia o sol... A minha espada abria azinhagas de sangue! Nunca mais! Foi Deus que me fez humilde e fraco para castigo dos meus erros. N'outro tempo mordia a fructa dos pomares, madura e filhadoira, saltava barbeitos, assomava a montes por subideiros de cabras! E o ar da manhã até parecia pouco para mim, que todo me entrava cá dentro! Hoje, é esta canceira, mal dou um passo... Esta canceira... E vem mestre Incolás... *(com desalento)* Hervas, hervas!

URRACA

Talvez podesses guarecer e sarar...

PERO ROIZ

Não posso. E sarar para quê? Não sei de nenhuma vida que precise da minha... Que faço eu, n'este valle de lagrimas? Nada. Acabar, acabar.

URRACA

Quem te diz que não amanhecerão dias de felicidade?

PERO ROIZ

Para os outros. Para mim, não. Sou terra cançada. Tu, sim, meu amor. Ha nos teus olhos a luz d'uma grande bondade. E a bondade é o fundamento de toda a felicidade n'este mundo. Nem pareces minha irmã. Um dia virá em que has-de atar os teus cabellos com oiro e um senhor de honra ou couto ajoelhara comtigo diante do altar de Deus.

URRACA

Não, que tu não tens mais ninguem...

PERO ROIZ

Mais ninguem. É verdade. Acabar, é o que é preciso. Acabar. Mas antes, duas coisas quero d'este mundo. A primeira, vêr officiar outra vez meu irmão, enxergar a mitra aurifrigiada na cabeça que eu defendi, —quando me era dado defender alguem. Não morrerei, não, sem o vêr entrar as portas da Sé, debaixo de pallio, com a sua capa de panno d'oiro, a cruz peitoral com a grande reliquia, o baculo a resplandecer de sueiras preciosas...

URRACA

Já Deus fez quasi tudo. Terás vida para o vêr, sim, meu irmão... Terás vida para ser feliz...

PERO ROIZ

Revestido dos pannos sagrados, o corpo que eu salvei! Derradeira consolação! Dei um Bispo aos homens. Servi para alguma coisa, na minha passagem pela vida.

URRACA

E o teu outro desejo?

PERO ROIZ, *dolorosamente*

O outro...

URRACA

Dize... Tudo o que eu possa fazer, que te arranque a essa dôr... Salvaste meu irmão,—quero-te salvar a ti, que és meu irmão tambem...

PERO ROIZ, *beijando-a*

É a recompensa de Deus ao unico bem que eu fiz n'este mundo: as tuas palavras, minha irmã!

URRACA

Deus perdôa tudo.

PERO ROIZ

Fôste a unica mulher de cujo seio me não veio mal. A minha mãe, devo-lhe a dôr de ter nascido... A ella, a dôr de que estou morrendo...

URRACA

É alguma coisa que tu queres d'ella?

PERO ROIZ

E o que eu te pedisse...? É quasi a vontade d'um morto...

URRACA, *receosa*

D'ella!

PERO ROIZ

Quero que ella venha aqui. Aqui!—Socega. Não é para falar a um vivo, que eu já o não sou, desde aquella noite...

URRACA

Meu Deus!

PERO ROIZ

É que não posso acabar descançado, sem lhe ter visto nos olhos uma claridade de compaixão... Por que eu não fui tão roim como querem fazer-me. Cahi em tentação e

pequei, porque não pude ter força em mim, na minha carne. E se é de Deus que tudo nos vem, porque me não deu elle a força que me faltava? Porquê?

URRACA

Queres então que ella... *(com timidez)* Mas não sei, se...

PERO ROIZ

Quero.

URRACA

Pedir-lh'o-hei com as minhas lagrimas. É um sacrificio, que só Deus sabe a grandeza d'elle...

PERO ROIZ, *affagando-a, enternecido*

Santa! santa!

URRACA

Mas cuido que não virá.

PERO ROIZ

Quem sabe? Talvez tenha piedade de mim... Talvez...

SCENA III

OS MESMOS *e* PERO GAFO

PERO GAFO, *trazendo a copa*

Senhor... Esta copa era a das hervas de mestre Incolás... Fui topal-a no meio d'umas pedras, além...

PERO ROIZ

E então? As hervas d'onde vieram?

PERO GAFO

Da terra.

PERO ROIZ

Pois tornaram adonde vieram.

PERO GAFO

As hervas de mestre Incolás, que foi fisico d'el-rei, astrologo, e que traz capello de Monpillér!

PERO ROIZ

Isso tudo e mais que fôra, sanguileixador de bispos e arcediagos, se cá entra, faço-o trasportalecer, que ninguem mais o vê!

PERO GAFO

Jesus!

PERO ROIZ, *a* URRACA

Vae... E vê se por milagre a trazes... Eu mal quero crêr, mas vae...

URRACA

Adeus...

PERO GAFO, *indo a seguil-a*

Então, senhora, eu...

URRACA

Uma das familiares vae commigo.

PERO GAFO, *a* URRACA

Se ides aos paços do senhor dom Gonçalo por novas do dom Bispo...

URRACA, *para o irmão, ao sahir*

Voltarei ainda com ar de dia.

SCENA IV

PERO ROIZ *e* PERO GAFO

PERO GAFO

É que eu alguma coisa soube.

PERO ROIZ

O quê?

PERO GAFO

Que ao arcediago de Zamóra já foi mandado pela Santa Sé que viesse a Portugal...

PERO ROIZ, *quasi indifferente*

Ah! *(cuidando em Maria)* Se ella a trouxesse!

PERO GAFO

A compôr o rei com o Bispo vosso irmão...

PERO ROIZ

Deus compadece-se de nós. De quem o soubeste?

PERO GAFO

Do Esgaravunha pelliteiro, que é do burgo e andou por terras de Leão. Veio hontem pela noite. Diz que o ouviu de Maria Balteira, que por lá anda a fazer mal de seu corpo com raçoeiros e cónegos da Sé. O arcediago, foi receber a bulla e cuidar logo da jornada. Deve de estar em Portugal por estes dias.

PERO ROIZ

Porque me sejam feitas as ultimas vontades. Mas não... O Bispo ha de entrar na Sé, mitrado e revestido... Ella é que não virá aqui, trazer-me a graça do seu perdão e dos seus olhos. Não haverá poder de lagrimas que a traga. Não haverá ninguem. É preciso soffrer. Tenho magoas de sangue na alma, e ha tanta gente para quem a vida é um nascer de sol que não acaba! Tanta gente! Vem cá, pobre esterco mortal, irmão d'este meu... Vem cá. Vem contar-me as

tuas angustias, os teus desesperos, as tuas humilhações, n'aquelle tempo... No tempo em que só as pedras não fugiam de ti... Conta-me tudo. A lembrança da tua agonia vae fazer bem á minha...

PERO GAFO

Mas, senhor... Dóe-me tanto falar n'isso... Se quereis que vos entretenha, antes vos digo um arremedilho d'aquelles que aprendi com o Bonamys, que foi bòbo do rei:

Ai tenho lindos cabellos,
Com oiro rico os atei...
Ai madre, que farei d'elles?
—Filha, dade-os a el-rei.

PERO ROIZ

O arremedilho, não. Conta-me o que soffreste,—todo esse tempo em que andaste comido de lepra, em que as creanças te botavam pedras e entravam de gritar: o gafo! o gafo!

PERO GAFO

O peor era a geada, o frio... Eu trazia a carão da carne um véllo de carneiro, que

me resguardava. Mas houve uma noite em que m'o roubaram. Uma noite de tempestade. Andei como fèra bruta, a correr pelos campos, enregelado, aos uivos de dôr... Tinha só a pelle, e essa mesma achagada da gafeira que me roía... *(com as lagrimas nos olhos)* Ah! antes o arremedilho, pelo amor de Deus...

Ai tenho lindos cabellos,
Com oiro rico os atei...

PERO ROIZ

Dize, dize, que me faz bem ouvir. E tinhas fome?

PERO GAFO

Ia aos persigaes, de noite, roubar cascas ao enxudreiro dos porcos. Era preciso luctar com elles, de rojo, como animal silvestre...

PERO ROIZ, *regosijando-se*

Ah!

PERO GAFO

Em terras jugadeiras e reguengas tinha medo de entrar, que um dia um escravo moiro deixou-me o arcaboiço sem feição... O mal ia a crescer, roía-me até aos ossos...

PERO ROIZ, *deliciado*

Até aos ossos... Soffrias mais do que eu!

PERO GAFO

Até que um dia, veio repudiada de Castella a filha d'el-rei dom Sancho, a infanta dona Tareja... — que nem parece filha d'aquelle rei! — e chamou a Coimbra os gafos, os mazelados de lepra e de fragicia... Por suas mãos nos sarava, a santa, e nos dava de vestir. Foi um contentamento a primeira vez que comi pão, depois de tantos annos... Milagre, só podia ser milagre... Dedos d'oiro tem a infanta, que as minhas chagas, mal as tocou, parece que se mudaram em rosas e entraram a sarar...

PERO ROIZ, *dolorosamente*

A sarar!

PERO GAFO, *com alegria nos olhos*

Foi uma resurreicão...

PERO ROIZ

Não soffreste mais... Só a minha lepra, a que trago dentro d'alma, não ha nada que a sare!

PERO GAFO

Depois, vim como solarengo para os paços do senhor dom Ruy das Asturias, vosso pae, que é morto, e nunca mais tive frio, nem fome, nem dôr, nem lepra...

PERO ROIZ

Não, não digas mais! Não digas mais! Isso já é a tua felicidade, Lazaro! E eu só quero saber da tua desgraça, para consolação e amparo da minha...

PERO GAFO

De gafo, só me ficou o nome... Deus louvado! Sou feliz... Conheci o bem, na terra...

PERO ROIZ, *tapando-lhe a bocca*

Cala-te... Antes o arremedilho, agora... Pelo amor de Deus... Antes o arremedilho...

> Ai tenho lindos cabellos,
> Com oiro rico os atei...

Batem Ave-Marias.

O sino da oração! *(Depois de um silencio em que rezam)* Se ella viesse!

PERO GAFO, *achegando-se á janella*

Já se ajuntaram as moças para a fonte! Vêde!

PERO ROIZ, *quasi sem reparar*

É verdade. Já se ajuntaram.

PERO GAFO

Não tarda a bailada. É esperar que encham as cantaras. Olha a Vataça, que linda vem, de avarcas de bezerro e saio encarnado!

PERO ROIZ

Tu conhéce-l'as a todas?

PERO GAFO

Bem de vêr, pelos olhos. Eh, moças!

PERO ROIZ

Não as chames...—Pode ella vir...

PERO GAFO

E a Dórdia! De pequenina que era, já de révora! Vêde que peitos!

PERO ROIZ

Hão-de ser doiradinhos. É o que o sol faz aos fructos.

PERO GAFO

Cuido que vae casar.

PERO ROIZ

Aquella?

PERO GAFO

Com o ferreiro do burgo. O que vos fez as brafoneiras e o capello de ferro. Homem bondadoso.

PERO ROIZ, *assentando-se no poial da janella*

Amanhã é mãe, e quasi que ainda hontem nasceu. Deus, ao botar-lhe um filho no regaço, far-lhe-ha conhecer a mais santa de todas as dôres... O ferreiro será feliz, chamando seu a um pedacinho de carne que nasce d'um beijo e cabe n'um raio de sol... Eu morro sem um filho.

PERO GAFO, *enlevado*

Lá vae! Lá vae a bailada! Debaixo das avelaneiras! Ahi! A Dórdia canta, as outras bailam...

PERO ROIZ, *absorvido na idéa de* MARIA

Se ella viesse!

Ouve-se, no terreiro, a matinada das moças e o bater das avarcas no chão, emquanto dançam.

UMA VOZ, *cantando*

Só me casarei por oiro ou por prata,
Ai avelaneiras da frol granada...

CÔRO

Bailae d'alegria,
Bailae a bailada.

PERO GAFO

Não ha mais linda aravia!

A VOZ

Só me casarei por saia de sirgo,
Ai avelaneiras — quem m'a daria...

CÔRO

Bailae a bailada,
Bailae d'alegria.

A VOZ

Só me casarei por arca doirada,
Que mais vale a flôr que tenho guardada.

CÔRO

Bailae d'alegria,
Bailae a bailada.

PERO GAFO, *embevecido*

Ah! Ah!

A VOZ

Eu trago no seio uma flôr mais rica,
Ai avelaneiras—que o sol do dia...

CÔRO

Bailae a bailada,
Bailae d'alegria.

PERO GAFO, *com enthusiasmo*

Moças! Bemditos peitos vos aleitaram!

SCENA V

OS MESMOS *e* URRACA

PERO ROIZ, *vendo* URRACA *assomar á porta*

Ah! Então? Não veio? Nem a poder de lagrimas... Acabarei sem a vêr...

URRACA

Vem. Cala-te.

PERO ROIZ

Vem? Dize-m'o nos olhos... Vem! Deus ouviu-me! Ella e Deus compadeceram-se de mim!

PERO GAFO, *á janella*

Cantara á cabeça! Dar a volta á cruz velha e descer cantando!

PERO ROIZ

E dize... Ella perdôa?—Ah! se trouxesse á minha humilhação a luz da sua piedade!—Pero Gafo, vae. Deixa-me só aqui.

PERO GAFO

Vou com ellas. *(Para fóra)* Esperae, Dórdiasinha, que eu beba na vossa cantara uma sêde d'agoa! Ha de cheirar a flôres! — Ah! ah! Quem só se casa por oiro ou por prata... E afinal é o ferreiro, que...

Sáe pelo fundo, cantando.

SCENA VI

PERO ROIZ *e* URRACA

PERO ROIZ

Eu nem tenho cara de gente... Envelheci. Este saio negro e velho... Nem um cordão d'oiro por joeta! — E ella vem já?

URRACA

Não tarda, descança... Foram as minhas lagrimas que a moveram. Não queria... Que não... Que não podia ser... E se vem é porque nosso tio está em Coimbra, na curia real...

PERO ROIZ

Sim...

URRACA

Mas disse-lhe que andavas sem luz nos olhos... Que não podias morrer sem o seu perdão...—Coisas para ella vir...

PERO ROIZ

E vem?—Mas que lhe direi eu? Não sei... Cobre-se-me a alma de vergonha! Vêl-a diante de mim, a ella, que eu ia atirando para o escarneo e para a deshonra! Que lhe direi eu?

URRACA, *chegando á porta do fundo*

Ahi vem.

PERO ROIZ

Ella!

URRACA

Por Deus! Não tenhas nenhuma palavra que a moleste...

PERO ROIZ

Não terei, descança. — O Senhor seja commigo.

SCENA VII

PERO ROIZ *e* MARIA

URRACA, *abraçando* MARIA, *que apparece á porta, com oral de seda pela cara*

Elle é digno da vossa lastima...

Sáe pela E. baixa.

PERO ROIZ, *mal podendo encarar em* MARIA

Perdoae, senhora, a quem não teve força para fugir a tão grande amor, e soffre pelo muito mal que fez...

MARIA, *áparte*

Meu Deus! Não cuidei que o vêl-o me désse tanta tristeza...

PERO ROIZ

Esperava de vós a resurreição, como Lazaro, não para começar a viver feliz, porque é impossivel, mas para acabar de morrer, perdoado. É grande a dôr d'alma em que me vêdes, mas não posso queixar-me de ninguem, senão de mim. Era de mais na terra e fui-me deixando acabar.

MARIA

Confiae na piedade divina.

PERO ROIZ

Não é tão grande como a vossa. Quiz Deus que tarde vos conhecesse. Foi na Sé, quando ieis a casar, que os meus olhos vos enxergaram a primeira vez. Ao apartal-os dos vossos, tinha-os rasos d'agoa. *(Como quem se recorda)* Tão linda de vêr, os cabellos presos no entoucado de fio d'oiro... Não vos lembraes?

MARIA, *levantando-se, magoada*

Adeus.

PERO ROIZ

Não... Socegae. Nada mais vos direi que seja d'amor... Envelheci. Vêde estas olheiras enrugadas... Envelheci. Foi de soffrer. Mas ainda bem que isto vae depressa. Emquanto eu viver em carne mortal, os dias não vos amanhecerão de sol tão claro como d'antes amanheciam. O desasocego d'alma em que vos deixei ha-de durar tanto como eu. Cabe-me agora a vez de ser piedoso, durando pouco.

MARIA

Não; vivereis... Para contentamento de vossa irmã...

PERO ROIZ

Engano. Acabando, sou tambem piedoso para ella. Amarrada ao meu soffrimento, sacrificou a vida ao amparo da minha... É preciso libertal-a. Casará ao depois, quem sabe? com algum rico-homem, que lhe calce os pés em ósas doiradas... Morrer, para mim, é dar vida a duas vidas.

MARIA

Haveis de sarar, pela divina misericordia. É preciso ter esperança. E mais tarde, porque não casareis tambem? Talvez Nossa Senhora já escolhesse aquella que ha de ser vossa mulher de benção...

PERO ROIZ, *com amargura*

A minha!

MARIA

É o que eu lhe peço na oração de cada dia... Esperae em Deus. Bem vêdes... Todos tiveram a sua corôa de espinhos...

PERO ROIZ, *com terror*

Quando eu acabar, ficará de mim, na terra, a memoria. O pensar n'isto enche de turbação a minha alma. A memoria! Todos poderão maculal-a... Pode o lodo da mentira cahir sobre o meu nome... Porque eu emmudeci debaixo da terra... Os que ficam, podem tratar-me de ladrão, de traidor,—e de incestuoso, que é o que mais me faz estremecer... De incestuoso...

MARIA

Virgem Santissima!

PERO ROIZ

A memoria! A minha maior agonia! Não foi só para o vosso perdão me ajudar a bem morrer, que pedi que vos trouxessem... Foi para dizer-vos que um dia, quando os meus olhos se tiverem fechado para a luz, façaes respeitar a memoria que eu deixo... —Direis... que soffri muito... Direis... *(Os soluços cortam-lhe a voz)*.

MARIA, *commovida*

Direi que houve n'este mundo um grande desgraçado, que era digno das lagrimas que chorei por elle...

Anoiteceu. URRACA *apparece e vae levando* MARIA, *serenamente, emquanto* PERO ROIZ *soluça. As raparigas, que já deram a volta á cruz alta, descem cantando:*

A VOZ, *fóra*

Só me casarei por oiro ou por prata,
Ai avelaneiras da frol granada...

CÔRO

Bailae d'alegria,
Bailae a bailada...

CAE O PANNO

QUARTO ACTO

Um dos braços do cruzeiro da Sé do Porto. Na parede da D., escavada de espaço a espaço em arco romanico, cinco arcas tumulares; a do primeiro plano tem sobre a tampa uma figura de mulher. Ao fundo E., o faldistório do bispo, sobre estrado de maromáques. Toda a esquerda, praticavel, dando para o corporal da egreja. Escabéllos.

QUARTO ACTO

SCENA I

Passa ao fundo, debaixo de pallio, o bispo do Porto, revestido de pontifical; seguem-n'o clerigos, o corpo capitular, ricos-homens, etc. O povo ajoelha á passagem. Ouve-se o orgão.

MARIA *e* GONÇALO

GONÇALO, *afastando-se, com a mulher, d'entre os ricos-homens que seguem o bispo*

Fiquemos nós aqui, ao pé das sepulturas onde dormem aquelles que déram vida a minha carne. Linhagem de Gonçalo Mendes da Maya, fizeram justiça ao bispo D. Martinho nascido do vosso sangue. *(Achegando-se a uma das arcas tumulares)* Minha irmã! De novo a mitra preciosa resplandece na cabeça de teu filho! Ossos entristecidos, alegrae-vos!

MARIA

Emfim, repousa a vossa alma, senhor! Um dia d'alegria depois de tantos dias de tristeza!

GONÇALO

De profunda tristeza!

MARIA

Deus, que tudo vê, viu a dôr da nossa familia. Vosso sobrinho é Bispo outra vez.

GONÇALO

Humilhou-se um rei caduco diante da grandeza episcopal. As suas copas d'oiro dá-as para cruzes aos conventos; a prata aferrolhada nas torres de Coimbra dá-a para frontaes aos altares. Anda agora em Alcobaça, comido de remorsos, abatido da antiga fereza, babando os psalmos penitenciaes. Ao que chega um rei, pelo medo da morte! — Mas meu sobrinho é Bispo.

MARIA

O primeiro na vossa linhagem...

GONÇALO

Orgulho d'estes mortos e meu orgulho. Por paga do irmão, que ia sendo a nossa deshonra.

MARIA

Perdoae-lhe, que está morrendo.

GONÇALO

Tenho vergonha de perdoar. A quem souber do seu peccado, o meu perdão ha de parecer fraqueza...

MARIA

Não... Fraqueza, não...

GONÇALO

É grande a minha piedade por elle. Tão grande como foi a dôr que tive.

MARIA

Perdoae. Nada vos podem lançar em rosto.

GONÇALO

O Senhor seja louvado.

MARIA

Havieis de perdoar, se o visseis. O soffrimento fez do peccador um santo.

GONÇALO, *de má sombra*

Já o viste?

MARIA

A modo de turbado m'o perguntaes...

GONÇALO

Fôste vêl-o?

Acerca-se de GONÇALO *um mendigo, coberto de chagas.*

MARIA

Olhae esse velho, que vos pede esmola.

GONÇALO, *encarando n'elle com nojo e dando-lhe uns soldos*

Que laidamento de corpo... *(Insistindo)* Mas dize: fôste?

MARIA

Fiz o que vindes de fazer. Fui christã, dei uma esmola. A esmola era o perdão; perdoei.

GONÇALO

Pelo muito que elle tem soffrido, perdoarei tambem.

MARIA

É grande a vossa piedade... Quer Deus que eu em paga vos dê...

GONÇALO

Que me dês?

MARIA

Quanto posso dar-vos... *(Ao ouvido de Gonçalo)* Um filho.

GONÇALO, *enternecido*

Um filho! Meu amor! meu amor! Não acabará tão cedo a minha carne... Um filho! Corpo tenrinho, feito dos nossos beijos... Deus o ha de amparar no caminho da vida... Honesto e lindo, por ser teu filho...

MARIA

Piedoso e valente, por ser vosso...

GONÇALO

Vem...

MARIA

Fico rezando.

GONÇALO

Vou eu, então. Este canto do cruzeiro é cheio de recordações para mim. Réza.

(Olhando, ao sahir, a cadeira pontifical) O faldistorio d'onde o Bispo meu sobrinho virá lançar a benção áquelles que o apedrejaram... Exemplo da piedade divina!

Sáe, atravessando os arcos da crasta.

SCENA II

MARIA *e* URRACA

URRACA, *dando com os olhos em* MARIA, *que réza, sobre uma coudra, diante dos tumulos*

Ah! — Rezaes?

MARIA

És tu... Elle veio tambem?

URRACA

Vem ahi. Mal fazeis idéa de como está... Quiz por força vêr o irmão... Ergueu-se do leito, vestiu as suas roupas mais ricas, que até parece que as vestiu para morrer, e ahi vem.

MARIA

Triste d'elle... A mulher é sempre agradecida a quem muito a amou.

URRACA

Fez-lhe Deus as derradeiras vontades... Vêr-vos d'aquella vez, e vêr de novo nosso irmão, mitrado, a officiar... *(Para Maria, que se alevanta e se vae afastando)* Já vos ides? Ficae um pouco...

MARIA, *sahindo*

Não. Elle ha de aqui vir... Era affligil-o mais...

SCENA III

PERO ROIZ, URRACA *e* PERO GAFO

URRACA

Temos soffrido todos. Tambem ella...

Entra PERO ROIZ, *desfigurado, vestido ricamente, a mão direita na espádua de* PERO GAFO, *que o ampara.*

PERO ROIZ

Não. Aqui primeiro. *(Fallando para os tumulos)* Mortos da minha linhagem, descançae, dormí! Não tarda, serei comvosco.

PERO GAFO

Foi mal, esta levantada do leito.

PERO ROIZ

Ainda tive luz nos olhos para vêr meu irmão. Já posso acabar descançado. *(Ouve-se outra vez o orgão)* O orgão! O cheiro do incenso! Ha muito tempo que não tenho um socego d'alma tão grande. Não o merecia de Deus. O que fiz eu de bem n'este mundo? Salvei um Bispo das mãos d'um rei. Dei-lhe a vida e a mitra. Porque era meu irmão. Mas o que fiz eu mais? Amei a quem não devia de ter amado, persegui a castidade no seio da propria familia, quiz a deshonra do meu sangue. E que mais? Ah! dizem que era esforçado em hoste e bom cavalleiro. Sabia matar melhor do que os outros.—Estas são as obras porque Deus me ha de julgar.

URRACA

Descança um pouco, meu irmão...

PERO GAFO

N'este escabéllo.

PERO ROIZ *assenta-se;* PERO GAFO *afasta-se a espreitar o que se passa no corporal da egreja.*

PERO ROIZ

Triste destino o de quem vive! Passei junto de todos os males da terra, — a ambição, a avareza, a vaidade... Nenhum se me apegou á alma. Vi andar por esse mundo, á luz do dia, a face roxa da gargantoíce, a face pallida da invéja... E do regaço de tantos males sahi puro como um santo. Appareceu a mulher, — Deus de piedade! — e então, cahi. Foi preciso que das estrellas, onde morava, uma dôce creatura descesse a trazer-me a dôr, a tentação e a morte. Amei, e este amor vive ainda dentro de mim, tão grande e tão amaldiçoado como na hora em que nasceu.

URRACA

Cala-te... Podem ouvir...

PERO ROIZ

Cuidei que se apagasse na vergonha, no remorso, no quebranto do corpo... Mas tudo foi estrume botado á terra onde crescia. Hoje, tão fundas raizes deitou, que já o não posso desarreigar de mim. Sou digno de toda a lastima, sim, mas sou uma creatura abjecta.

URRACA

Socega.

PERO ROIZ

Morro impenitente do meu grande peccado.

PERO GAFO, *deslumbrado, olhando ainda a egreja e o bispo*

Como a argentaría do baculo reluz!

PERO ROIZ, *a* PERO GAFO

Ampara-me. *(Pero Gafo corre a ampa-ral-o)*. Quero ir até ali, ao pé dos tumulos. *(Apontando a arca tumular do primeiro plano)* Dentro d'aquella pedra dorme nossa mãe, Urraca. Nós, que a adoramos, que lhe sentimos o calor do seio quando nos aleitava, se esta pedra cahisse agora, fugiamos espavoridos de vêr tanta podridão...

URRACA, *cheia de horror*

Virgem santissima! Não digas... Foi nossa mãe...

PERO ROIZ

Não te assustes.—Os mortos! Nós é que lhes fazemos nojo a elles... Com as nossas blasphémias, porque são mudos; com as nossas chagas, porque são terra; com o nosso amor, porque não soffrem. *(Amarfanhando a roupa)* Estes pannos mortaes de que nos vestimos, hão de parecer-lhes de vaidade, a elles, que se vestem de cinza... Para quê, tudo isto, se os mortos nos ensinam a simplicidade? Para quê?

URRACA

Réza um padre nosso.

PERO ROIZ

Foi infeliz o ventre que tanto tempo me trouxe, porque trouxe roim coisa. Tive má estrella... É assim que mestre Incolás, astrologo e fisico d'el-rei, explica os males dos homens. Ahi está o que é a estupidez humana.

PERO GAFO

Mas, senhor...

PERO ROIZ

Nasci miseravel. Mas d'onde trouxe eu a maldade? D'onde? Dos que me atiraram para a luz do mundo, sem saber que creavam uma vida. Assim deve de ser. O meu peccado veio de todos estes mortos, que foram do meu sangue. De todos! *(Falando para os tumulos)* Não vos assusteis, gente da minha linhagem, que sou feitura vossa! Abrí-me os braços, que vos levo em breve toda a roindade que me deixastes, mistu-

rada ao oiro de meu herdamento! Bons cavalleiros, que haveis comido á mesa dos reis, senhores de coutos e honras, esperae por mim! Esperae, que já sinto a morte nas guélas...

URRACA

Vê, que te canças...

PERO ROIZ, *para as figuras imaginarias dos mortos*

Reconheço-vos! Vejo-vos a todos! As vossas sombras sangoentas alevantam-se na luz da minha vista... Vem cá, vem cá... Pobre irmã! Quero mostrar-te a nossa familia, vem, que os estou vendo a todos! Tão claro como os via em vivos... Aquelle... Além!... É dom Ruy Gonçalves, nosso tio... Foi o que botou fogo ao castello de Lanhoso, onde vivia... Cuidava que um frade de Boiro lhe estava lá dentro em maldade com a mulher... Pobre Inêz Sanches!—Foi aquelle! Horrorosa historia! Cerrou as portas de ferro, e tudo, maladas, familiarias, tudo ficou em cinza. Dona Inêz morreu innocente.—Vê... O olhar torvo de remorso...

URRACA

Meu Deus!

PERO ROIZ

Vê aquelloutro...—É Fernão Roiz, meio irmão de nossa mãe. Deixou-se morrer de dôr de sede, cuidando que lhe empeçonhavam o que bebia... Traz a loucura nos olhos... Estortéga as mãos... Rasga a carne com os dentes...

PERO GAFO

Veem-lhe estas imaginações, com a quentura da fébre...

PERO ROIZ

E aquella! Aquella! Filha d'algo e casada, fugiu de noite para um curral, a fazer peccado com um villão! Drudaria vergonhosa! E nasci eu d'esta gente, e sou eu do mesmo sangue! Por isso vim tão miseravel... Qual é a minha culpa? Qual é a minha culpa?—Sombras impuras, arredae-vos, que de vós me veio o fogo de lépra que me róe, o esterco onde me revolvo, o des-

graçado amor de que estou morrendo... Esta é a nossa familia, minha irmã! Nunca mais aqui voltes... Este ar é infecto... Linhagem amaldiçoada!

Cáe sobre o escabêllo, extenuado.

URRACA, *ajoelhando junto d'elle*

Ah! Deus de piedade!

PERO GAFO

Meu senhor... Meu senhor...

PERO ROIZ

É a morte...

URRACA

Acudi!

PERO ROIZ

Não... Não chames...

PERO GAFO

É que já ahi veem... O Bispo vosso irmão, para a benção...

URRACA

Senhor Jesus! Que elle morre!

PERO ROIZ

Escondei-me... Pelo amor de Deus! Que me não vejam!

MARIA *e* PERO GAFO *encobrem-n'o.*

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, MARIA, GONÇALO *e o* BISPO

Vem o bispo, debaixo de pallio, até ao faldistorio; segue-o o povo. Sóbe os tres degráus, toma o baculo na mão esquerda, e estendendo a mão direita, abençôa:

O BISPO

Benedicat vos omnipotens Deus. Pater, et filius, et spiritus sanctus.

PERO ROIZ, *na agonia*

A benção... Sou indigno d'ella... *(A cabeça pende-lhe)* Indigno...

URRACA, *n'um grito*

Ah! morre...

A multidão move-se e olha.

VOZES

Um grito! — Endemoninhados! — Vêde!

O BISPO

Quem é que vem turbar a benção de Deus?

URRACA, *erguendo-se*

Senhor! É nosso irmão que morre!

MARIA

Elle!

O BISPO, *descendo do faldistorio*

Meu irmão!

PERO ROIZ

Erguei-me! Erguei-me!

VOZES

Que é isto?

GONÇALO, *para a multidão*

Ajoelhae! É dom Pero Roiz, grande cavalleiro, que está morrendo!

PERO ROIZ

Cumpra-se a justiça divina... Morro peccador e impenitente...

GONÇALO, *a* PERO ROIZ

Mas coberto da graça da véra cruz, e com o meu perdão.

PERO ROIZ

Deus vos pague. Não o merecia...

URRACA, *chorando*

Pobre irmão!

MARIA, *a* URRACA

Não chores... Ha de acordar no seio do Senhor...

O BISPO

Eu te absolvo de todos os teus peccados na terra.

PERO ROIZ, *a* GONÇALO *e* MARIA, *que estão um de cada lado d'elle*

As vossas mãos... Amae-vos... Deixo de ser a má sombra dos dias que viveis. Se um filho vos nascer, eu lhe lègo, diante de todo o burgo, por verdade, o meu oiro e as minhas terras. Dizei-lhe que houve um grande desgraçado, que na hora de morrer o abençoou, ainda elle não tinha nascido...

O BISPO

A tua vontade será feita.

PERO GAFO, *para a multidão*

Aprendei a morrer!

PERO ROIZ

Vou descançar... Soterrae-me em sepultura rasa...

URRACA

Meu irmão...

PERO ROIZ

Por que seja pisada de todos... E em vez de compridos lettreiros, como aquelles, mandae que se escrevam na pedra estas palavras de humildade: «Aqui jaz Pero Roiz, *o que morreu de amor.*»

MARIA

Morre como um santo!

PERO ROIZ

Dae-me o corpo de Deus. Eu quero commungar.

CAE O PANNO

FINIS